

## Colégio de S. Fiel da Companhia de Jesus

Joaquim Lalanda (IPCB)

Maria da Conceição Lalanda (IPCB)

“No Colégio, ao lado da exagerada vida religiosa que me levava tempo e roubava actividade, havia uma boa educação humanista e científica que, só por estar sujeita a programas liceais, alguns deles pouco recomendáveis, não era mais perfeita. Devo a essa orientação muito do meu aproveitamento na carreira universitária. A disciplina mental a que obrigavam os alunos, em ciências exactas e afins, era bem orientada. Aos exercícios físicos já dava o colégio a sua atenção nesses remotos tempos.

O equilíbrio entre orações, exercícios físicos e estudo, merecia ser melhor estabelecido, mas eu aproveitei com o ensino que me ministravam na matemática, física, química e ciências biológicas. Davam certo desenvolvimento à parte experimental, o que contrastava com a maior parte do ensino liceal desse tempo. O laboratório de química e o gabinete de física estavam suficientemente apetrechados e o ensino baseava-se em experiências sempre que isso era possível. Apraz-me deixar aqui exarado o meu depoimento imparcial”.

Egas Moniz<sup>1</sup> (1950, p. 254)

---

<sup>1</sup> António Caetano d’Abreu Freire Egas Moniz, filho de Fernando Pina Rezende d’Abreu, nasceu em Avanca, concelho de Estarreja, distrito de Aveiro, a 29 de Novembro de 1874 e faleceu, em Lisboa, a 13 de Dezembro de 1955. O Prémio Nobel da Medicina – 1949, estudou no Colégio de S. Fiel, da Companhia de Jesus, em Louriçal do Campo, concelho de Castelo Branco, de 1885 e 1892. Aí frequentou quase todo o ensino liceal. Foi-lhe atribuído o n.º 66, no registo de alunos.

Quem, a meio caminho entre as cidades de Castelo Branco e Fundão, abandona a A23 e atravessa a Soalheira, antes de entrar em Louriçal do Campo é surpreendido pela inesperada aparição de um imponente e austero edifício do século XIX que, por certo, capta a atenção. Dir-nos-ão que se trata de um Centro de Reeducação de Menores que foi colégio de padres há muitos anos.

Que colégio? Que padres? A que orientação pedagógica atribui Egas Moniz muito do seu aproveitamento na carreira universitária?

Não conhecemos síntese sobre o Colégio de S. Fiel e a orientação pedagógica praticada pelos padres-professores. Das notícias a aprofundar ressaltam as palavras do Prémio Nobel (Moniz, 1950) e pouco mais. Prosa leve e cativante que prende o leitor e como que convida a uma viagem ao seu passado escolar, vivido naquele colégio. Viagem que nos conduz ao “colégio higiénico, encravado nas serras, com bom ar e excelente água de fontes de granito, a melhor que há” (Moniz, 1950, p. 211).

Registos administrativos a investigar, que reportam aos alunos do Colégio de S. Fiel, existem os do ex-Liceu Nacional de Castelo Branco, actual Escola Secundária Nuno Álvares, onde aqueles alunos faziam exames na qualidade de “alunos estranhos”, designação atribuída aos alunos externos. Em 1990, tivemos autorização para retirar aqueles arquivos da poeira dos anos e fazer breve consulta.

A chegada de Egas Moniz à região de Castelo Branco aconteceu no Outono de 1885. Vinha para preparar o exame de admissão ao ensino liceal<sup>2</sup> e beneficiar da reconhecida competência pedagógica dos padres-professores do Colégio de S. Fiel.

Como que saído dos reflexos do sol, que doira as folhas dos castanheiros na encosta da serra, vislumbramos o “Antoninho”, de quase

---

<sup>2</sup> Egas Moniz surge nos arquivos como tendo feito prova oral de exame de admissão aos Liceus em 2 de Junho de 1886 (Livro de Termos, 1986, p. 138) tendo obtido a classificação de 14 valores. No mesmo dia, idêntica classificação obteve José Ribeiro Cardoso, que viria a ser padre e insigne historiador regional.

onze anos de idade, tímido, recém-tirado ao seio da família, de uniforme – batina, estola encarnada e boné especial – feitos lá na oficina do colégio. Conta-nos as impressões daqueles primeiros dias (Moniz, 1950, p. 220). A cama de ferro na penumbra da extensa camarata, a figura do padre, caminhando num vai-vem constante vigiando o sono dos alunos. O bater forte das palmas anunciando o amanhecer, a missa diária, obrigatória, o pequeno almoço de pão e abundante chá mal açucarado, a sala de estudo com o prefeito vigilante numa espécie de púlpito, a primeira consulta médica, de rotina, feita pelo Dr. Chorão, que frequentemente vinha do Fundão para observar os alunos. Mas, também os amigos que rapidamente fez: o Manuel Rebimbas<sup>3</sup>, o Francisco Valente<sup>4</sup>...

### A Fundação do Colégio de S. Fiel

O astrónomo Lefrançois de Lalande, citado por Azevedo (1911, p. XVI), lamentava que Carvalho e Choiseul<sup>5</sup> tivessem destruído, irreparavelmente, a Companhia de Jesus; a mais bela obra dos homens a que jamais se aproximou qualquer outra instituição. Enganava-se o académico francês. A Companhia de Jesus soube sempre resistir aos vexames e às perseguições. Extinta, em 1773, pelo papa Clemente XIV, sob pressão de algumas cortes europeias, sobreviveu, em particular na Rússia, onde Catarina

---

<sup>3</sup> O Padre Manuel Rebimbas, grande humanista, era professor no Colégio de S. Fiel em 1903. Mais tarde, foi director do Instituto de Altos Estudos Filosóficos e Teológicos, em Braga.

<sup>4</sup> O Pároco Francisco Valente foi pároco em Murtosa.

<sup>5</sup> Carvalho é, como sabemos, Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, ministro de D. José I. O Duque de Choiseul foi ministro de D. Luís XV. Estes, mas também o Conde de Aranda, ministro de D. Carlos III, de Espanha, e o Marquês de Tanucci, ministro de D. Fernando IV, de Nápoles, praticaram actos visando o extermínio da Companhia de Jesus.

II não permitiu que fosse promulgado o Breve da supressão. Em 1814, a Companhia de Jesus era universalmente restabelecida por Pio VII.

Em Portugal, os padres jesuítas reentraram no tempo de D. Miguel, pelo ano de 1829. A sua presença foi legalmente confirmada por Decreto de 30 de Agosto de 1832. Já em 9 de Janeiro de 1832 lhes tinha sido entregue o Colégio das Artes, em Coimbra.

O período atribulado que o país atravessava conduziu de novo a Companhia de Jesus ao exílio. Joaquim António de Aguiar, por Portaria de 24 de Maio de 1834, expulsou os padres jesuítas. No entanto, prevendo o que lhes iria acontecer, eles próprios tomaram a iniciativa de começar a embarcar para Génova em Agosto do ano anterior.

O início da segunda reentrada da Companhia de Jesus em Portugal acontece pelo ano de 1848. O português Carlos João Rademaker regressou de Turim onde estudara e se filiara naquela Ordem. No ano de 1858 encontrava-se já instalado com um colégio para meninos órfãos pobres, na Quinta da Torre, em Campolide.

Em 1860, juntam-se ao padre Rademaker os padres Meloni, Prosperi e Ficarelli. Desde então, e apesar dos ataques que contra eles se publicavam na imprensa, o número de padres jesuítas foi crescendo e iam abrindo casas e exercendo as suas actividades (Assumpção, 1982). Quanto ao Colégio de Campolide, depois de afastado para Espanha o seu fundador, os padres jesuítas residentes decidiram alterar-lhe a finalidade inicial. O colégio deixou de se preocupar com os meninos órfãos pobres e passou a dedicar-se à educação dos jovens pertencentes a famílias burguesas ou aristocratas de posses.

Também em Louriçal do Campo os padres jesuítas vieram encontrar um colégio que acolhia meninos órfãos pobres para educar. Fundara-o, em 1852, o franciscano Frei Agostinho da Anunciação.

Em 1858, um incêndio fez ruir o esforço do frade. Mas, firme e tenaz nos seus ideais, recomeçou a obra iniciada. Contudo, porque o dispêndio era grande e queria assegurar a continuidade do seu sonho, deslocou-se a Roma, pelo ano de 1862, para conseguir de Pio IX que uma congregação

religiosa tomasse o colégio à sua conta. O Papa decidiu-se pela Companhia de Jesus.

Parece que ao franciscano agradava outra escolha mas, logo no ano seguinte, chegaram a S. Fiel os padres jesuítas Salvador Cosentino e José Roehrsen e o coadjutor Manuel Barbosa. Para além dos órfãos o colégio passou também a receber crianças que, sem meios, revelassem aptidão para o estudo. Supõe-se que Frei Agostinho da Anunciação teria concordado (Azevedo, 1911).

Em 1873, poucos meses antes de morrer, o frade franciscano vendeu à Companhia de Jesus o edifício do colégio por 2.000\$000 réis. Desde então, começaram a ser admitidos alunos pensionistas e de tal modo que, dois anos depois, já se formavam duas classes, consoante as posses. E o número de alunos crescia sempre, sobretudo no ensino secundário. É certo que se mantinha a cláusula de admissão de alunos gratuitos, em número não inferior a doze, mas também esta norma sofreu adaptações. Estatisticamente, dois alunos semi-gratuitos contavam como sendo um aluno gratuito.

A evolução operada na admissão de alunos provocou que o povo comesse a esquecer a anterior designação de “Colégio dos Órfãos” e adoptasse a de “Colégio de S. Fiel”. Também é desta forma que o colégio aparece citado no Catálogo da Companhia de 1875-1876.

A este propósito refira-se que o padre Baptista de Antoni, director do colégio de 1871 a 1887 e que, portanto, tratou com Frei Agostinho da Anunciação a mudança de propriedade e obrigações do colégio, ao passar o cargo ao seu sucessor, “disse-lhe que não havia compromisso nenhum de consciência que obrigasse a aplicar exclusivamente a órfãos os fundos herdados, mas que era bom que se conservassem alguns por atenção ao fundador e para edificação. Note-se que o colégio em todo o tempo os teve: a uns como alunos internos, a outros ensinou gratuitamente alguns ofícios, principalmente o de alfaiate” (Azevedo, 1911, p. 49).

## A actividade do Colégio de S. Fiel

As palavras de Egas Moniz, quando se refere ao Colégio de S. Fiel, são, simultaneamente de censura e apreço. Censura pela exagerada vida religiosa que lhe levava tempo e roubava actividade. De apreço porque “havia uma boa educação humanista e científica que, só por estar sujeita a programas liceais, alguns deles pouco recomendáveis, não era mais perfeita” (Moniz, 1950, p. 254).

Efectivamente, o ensino secundário oficial, em Portugal, nas últimas décadas do século XIX, não satisfazia, quer a nível de planos de estudos, quer a nível de edifícios e material. Os próprios professores tinham deficiente preparação científica e quase nulos conhecimentos pedagógicos e de psicologia (Rocha, 1987). O ensino praticado no Colégio de S. Fiel era o oposto do ensino praticado no ensino oficial.

Era estratégia de missão da Companhia de Jesus a boa formação da juventude, em particular a que iria constituir a elite dirigente do país. A orientação pedagógica que caracterizava o ensino praticado no Colégio de S. Fiel espalhou-se como sinónimo de competência e eficácia. Esta foi uma das causas que levou à preferência que lhe foi dada por muitas famílias de posses, desejosas da melhor educação para os filhos. Alguns dos alunos do colégio vinham mesmo de longínquas regiões, como Moçambique e Índia.

Se o número de alunos do ensino primário se manteve quase inalterado, por servir, sobretudo, as crianças da região, o número de alunos do ensino secundário foi sempre crescendo, obrigando mesmo à ampliação do edifício adquirido a frei Agostinho da Anunciação. Nos primeiros anos do colégio sob a orientação dos padres jesuítas, isto é, na década de 1873 a 1882, a média anual dos alunos do ensino primário andou pelos 23. No mesmo período, os alunos do ensino secundário passaram de 15 para 170, seguindo uma bem definida curva ascendente (Lages, 1883, p. 17).

A quase totalidade dos alunos estava sujeita a regime de internato. Os alunos classificados como de 1.<sup>a</sup> Classe pagavam de mesada 8.000\$000

réis. A mesada dos alunos de 2.<sup>a</sup> Classe era de 6.500\$000 réis. A alimentação era a habitual na época, com a diferença de que os primeiros tinham direito a sobremesa todos os dias e os segundos apenas nos dias feriados. Ambos podiam beneficiar de reforço alimentar por indicação médica.

Aos padres-professores do Colégio de S. Fiel se deve o mérito reconhecido que o colégio veio a ter. O colégio era servido por um corpo docente constituído por professores do ensino secundário com competência pedagógica e conhecimento científico difícil de encontrar em outras instituições semelhantes e muito menos no ensino oficial existente.

Muitos dos professores que constituíram o corpo docente eram investigadores de referência internacional. É bem o espelho da capacidade de investigação e da orientação pedagógica do colégio a revista “Brotéria – Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel”, que publicou oito volumes, de 1902 a 1909. Fundada pelo padre Joaquim da Silva Tavares<sup>6</sup>, auxiliado pelos padres Cândido Mendes de Azevedo e Carlos Zimmermann, a revista tinha a finalidade de promover o interesse pelas ciências naturais entre professores e alunos dos colégios da Companhia de Jesus e colaborar com outros naturalistas nos estudos de investigação da fauna e flora nacionais, imperfeitamente conhecidas.

Logo em “Duas Palavras de Introdução” (Tavares, Azevedo e Zimmermann, 1902) os redactores declaravam saber que a revista não ia passar de um “grãozinho no celeiro imenso dos conhecimentos científicos” mas tinha o mérito de ser a única revista, com carácter científico, publicada em Portugal por um estabelecimento de ensino secundário. Esta revista recebeu os elogios mais entusiásticos da comunidade científica nacional e internacional.

---

<sup>6</sup> O padre Joaquim da Silva Tavares foi membro efectivo da Academia das Ciências, de Lisboa e, entre outras, da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, da Sociedade Espanhola de História Natural e da Sociedade Entomológica de Espanha, de que chegou a ser presidente em 1928. Era especialista em *Zoocidias* e *Orthopteros*.

O Colégio de S. Fiel era servido, habitualmente, por 30 criados, 2 cocheiros, 2 ganhões, 1 ferreiro, 1 latoeiro, 1 moleiro, 8 carpinteiros, 3 pedreiros, 1 hortelão, 1 quinteiro, 5 criados no hotel (colégio), 15 a 20 trabalhadores rurais, umas 25 costureiras, padeiras e lavadeiras. Acrescem os sapateiros, alfaiates e costureiras que faziam o serviço em casa e que não eram menos de 20. Quanto à remuneração, “o colégio estabelecera para os seus operários um jornal constante, termo médio entre os altos e baixos dos outros proprietários, mas dava-lhes trabalho todo o ano, chovesse ou nevasse” (Azevedo, 1911).

### O Ensino no Colégio de S. Fiel

Ranke teria afirmado: “os resultados dos jesuítas foram prodigiosos: observou-se que a mocidade aprendia com eles em dez meses mais do que com outros em dois anos” (Azevedo 1911, p. 42).

Recordemos o que foi a prática pedagógica praticada pelos padres-professores da Companhia de Jesus. Na organização de base, sob a direcção de um monitor, os alunos eram agrupados em pares para melhor se poderem vigiar. A ordem e o respeito absoluto pela autoridade eram aceites como um dever quase religioso, o que eliminava a necessidade de castigo corporal tão em uso no tempo.

A base do método de ensino era a prelecção, técnica que os padres jesuítas valorizaram através da “*concertatio*”. Esta baseava-se na resposta às questões colocadas pelo professor e correcção introduzida pelos rivais que, de igual modo, se podiam interpelar segundo regras definidas, seguindo uma estratégia que tinha como objectivo a emulação.

Prelecção e concertação eram reforçadas por exercícios escritos que o professor corrigia com cuidado e por repetições orais frequentes destinadas a cultivar e a fortalecer a memória. Cada dia começava com a revisão do aprendido no anterior, cada semana era recordada no final, cada ano terminava com uma revisão geral. Tomás de Aquino era o guia incontestado.



Como actividade extra-escolar sobressaía a representação teatral: lição prática para desenvolver a aptidão para memorizar, aperfeiçoar a pronúncia e a elegância do gesto e preparar o jovem para enfrentar assembleias. Também a música tinha lugar de destaque.

É Conde (1961), aluno do colégio de 1908 a 1910, cujas palavras também nos passam a orientar, quem nos confirma que, como incentivo ao estudo, os padres jesuítas cultivavam entre os alunos a emulação. No Colégio de S. Fiel estimulavam-na com recurso a distintivos e até com acesso a vários graus de uma Ordem designada por “Ordem Cruz e Lírio”. Os graus iam desde Cavaleiro a Grão-Mestre, a que só ascendiam os que, pelo merecimento dos feitos, eram reconhecidos como melhores, mas de onde eram apeados sem piedade logo que o mérito relativo entrasse em declínio.

O ensino no Colégio de S. Fiel valorizava a observação do real e a aprendizagem realizada com o esforço dos alunos. Um acontecimento surpreende-nos tendo em conta os condicionalismos da época. Quando do eclipse total do sol, em 30 de Agosto de 1905, um grupo formado por alunos e professores dos Colégios de S. Fiel, Campolide e Setúbal deslocou-se a Espanha (Palência, Tortosa e Burgos) para realizar uma observação cuidada e mais completa. Os resultados foram editados em pequena brochura (Salvado, 1991).

No Colégio de S. Fiel preparavam-se os alunos para enfrentarem os obstáculos da vida. Glorificava-se o trabalho, mas também se incentivava a alegria. Com excepção de cerca de três dias por ano, destinados ao recolhimento, quase se “decretava” a obrigatoriedade dos jogos nas horas de recreio. Quanto mais não fosse para fatigar a carne. Os jogos eram vigiados por prefeitos que estimulavam os mais fracos e combatiam o orgulho e a soberba dos mais fortes.

Todo o contacto com o sexo feminino estava proibido. Até a correspondência estava interdita.

De Egas Moniz temos notícia de que participou numa pequena récita escolar de fim de ano a que, embevecido, assistiu o pai. Após a récita

decorreu uma sessão presidida pelo Governador Civil de Castelo Branco, tendo o futuro Prémio Nobel recebido três medalhas, como prémio do seu bom aproveitamento... É ainda Egas Moniz que vemos integrar a banda de música do Colégio de S. Fiel na qualidade de terceiro trombone... Só deixou este posto quando, por carência económica, teve que sair do colégio no último ano do ensino secundário.

Para apoio do ensino possuía o Colégio de S. Fiel bem apetrechados gabinetes de Física e Zoologia e laboratório de Química. A biblioteca também era notável. Todo o equipamento veio enriquecer o ex-Liceu Nacional de Castelo Branco, em 1910, quando da expulsão dos padres jesuítas.

Confirmando o valor científico que o Colégio de S. Fiel representava no contexto nacional, recorde-se que naquela instituição estava instalado e a funcionar, desde 1902, um completo observatório meteorológico, apetrechado com os melhores instrumentos. Os resultados das observações eram comunicados ao Observatório Central de Lisboa. Para se compreender a importância deste observatório diremos que, naquele tempo, ele era o único em toda a vasta região que vai de Manteigas a Coimbra e Tancos.

Abruptamente, o Colégio de S. Fiel terminou a sua actividade com a revolução republicana de 5 de Outubro de 1910. Expulsos de Portugal, por Decreto de 8 daquele mês, os padres da Companhia de Jesus partiram para Espanha. Apesar do silêncio que caiu durante anos sobre o Colégio de S. Fiel a Obra não entrou no esquecimento e merece estudo. Um estudo que contribua para o conhecimento mais completo da História da Educação em Portugal, que não o pode ignorar quando se refere ao panorama educativo português do final do séc. XIX e princípio do séc. XX.

## **Bibliografia:**

ASSUMPÇÃO, T. L. (1982). *História Geral dos Jesuítas*. Lisboa: Moraes Editores.

AZEVEDO, C. M. (1911). *O Collegio de S. Fiel – Resposta ao Relatório do Advogado Sr. José Ramos Preto*. Madrid: Imprenta de Gabriel López del Horno.

CONDE, F. (1961). O Colégio de S. Fiel. in *Estudos de Castelo Branco*, N.º 1, 8 de Junho de 1961.

CORDEIRO, A. (1911). Prólogo. in C. M. Azevedo. *O Collegio de S. Fiel – Resposta ao Relatório do Advogado Sr. José Ramos Preto*. Madrid: Imprenta de Gabriel López del Horno.

LAGES, A. M. (1883). *O Sr. Marianno de Carvalho e o Colégio de S. Fiel*. Lisboa: Typographia da Cruz do Operário.

MONIZ, E. (1950). *A Nossa Casa*. Lisboa: Paulino Ferreira, Filhos, Ldª.

ROCHA, F. (1987). *Fins e Objectivos do Sistema Escolar Português – 1. Período de 1820 a 1926*. Aveiro: Livraria Estante Editora.

SALVADO, A. (1991). O Antigo Colégio de S. Fiel e o Ensino das Ciências no Início do Séc. XX. in *Jornal do Fundão*, 25 de Janeiro de 199.

TAVARES, J. S., Azevedo, C. M. e Zirmmermann, C. (1902). Duas Palavras de Introdução, in *Brotéria – Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, N.º 1, Setembro de 1902.